

# A esquerda e o colapso da civilização industrial

Manuel Casal Lodeiro

(Julho 2013)

## ***Prólogo: Imagens para visualizarmos o colapso entrópico***

Se já seria irresponsável pensar em estratégias políticas sem termos em conta as dinâmicas sociais e económicas em cada momento histórico junto com a sua evolução passada e previsível, ainda o seria mais se não temos em conta as dinâmicas antropológicas subjacentes a esses níveis, condicionadas por sua vez de maneira absoluta pela situação da biosfera de que fazemos parte, nomeadamente pelo uso que faz a nossa espécie dos recursos energéticos. Não podemos perceber a história do pensamento em geral, nem do pensamento político em particular, sem localizá-la nas nossas coordenadas evolutivas dentro da série de círculos concêntricos que definem o mundo humano: o económico dentro do político, o político dentro do social, o social dentro do cultural, o cultural no antropológico, e tudo abrangido pelo ecológico. Nesse sentido acho-nos numa situação de inédita gravidade pois, apesar de estarmos a viver uma situação crítica e sem precedentes nos círculos mais externos (básicos) que marcam os limites da nossa existência como espécie neste planeta, não se está a ter em consideração nem as suas consequências nem a sua simples existência dentro do pensamento político maioritário, nomeadamente na esquerda.

Da mesma forma que a imagem dos círculos concêntricos, outra metáfora que nos pode resultar muito útil como esquema mental para compreendermos o que estamos a viver, é imaginarmos as estruturas sociais e económicas como gigantescas edificações e as superestruturas como cidades (ou *superedifícios*) onde se situariam esses edifícios. Estas construções fomo-las levantando graças aos recursos que faziam parte do próprio solo onde se assentaram, o principal dos quais foi a energia. E agora, três séculos e meio de acelerada febre construtiva, chegou o momento em que se aprofundou tanto na extração que os próprios alicerces dessas edificações ficaram expostos e começam a pandear no ar. Já quase não resta onde extrair mais elementos para continuar a aumentar as construções com mais e mais apartamentos (mais e mais complexidade e crescimento) e não só isso mas que furamos tanto onde terminava deles que começam a cair, um atrás outro. Nós, por enquanto, lutamos no interior dos edifícios por ver qual deveria ser o plano que se utilizasse para a construção do seguinte andar deste ou daquele outro edifício ou para ver como melhor reformarmos os seus habitáculos, sem sermos conscientes de que a construção inteira, junto com a cidade onde se assenta, está a afundar sem remédio.

## ***I. Obstáculos para uma esquerda pós-industrial***

Quase todo o espectro das chamadas esquerdas em qualquer lugar do planeta parte, para a sua análise histórica, para a sua diagnose dos problemas sociais e para as suas propostas de intervenção política, de um conjunto de parâmetros, próprios de uma determinada concepção do mundo, de um determinado modelo mental, cujos alicerces principais estão situados no século XIX, um momento histórico em que começava o crescimento acelerado do consumo de energia e o desenvolvimento do capitalismo industrial, um período histórico que durou até ontem mesmo, quando o Teito do petróleo —ou *peak oil*— marcou o começo do seu final. Quer dizer, analisam o mundo atual com um quadro teórico próprio de um mundo que deixou já de existir —inesperadamente para a imensa maioria— e que já não voltará. Pretendem, em consequência, aplicar estratégias de luta de classes próprias daquela fase de ascensão do capitalismo, e que não são eficazes num contexto radicalmente diferente: um contexto de declínio. A viragem histórica está a supor o passo da cessação —baixo a pressão da luta popular— de uma parte do botim às camadas populares, a uma despossessão generalizada da riqueza, ao espólio dessas passadas e exíguas concessões feitas pelo poder. E esvaecem os reparos do capital em aprofundar o abismo social com a classe operária, e —três a queda do bloco dirigido pela URSS— aquele temor histórico a que o povo trabalhador buscasse entre os sistemas realmente existentes outro referente social, político e económico antagonista.

Alguns desses parâmetros da esquerda que, olhados da óptica consciente do fim da civilização do crescimento e da indústria, já não se correspondem com as inauditas características deche momento histórico, são os que a seguir enuncio como postulados ou lemas, para ir expondo, um por um, a sua rápida obsolescência:

## “O crescimento perpétuo é possível e desejável”

Desde os seminários trabalhos *Limits to Growth* (1972) e *Overshoot: The Ecological Basis of Revolutionary Change* (1980) sabíamos (ou máis bem *devíamos* saber) como sociedade que mais cedo que tarde íamos bater com os limites que o planeta impom ao nosso crescimento ilimitado. Porém, a esquerda maioritária demonstrou umha escassa —quando nom absolutamente nula— atençom a essas advertências científicas. E, com efeito, a sua incorporaçom ao seu programa social, político e económico só começou a ser realizada, tepidamente, há muito pouco, quando partidos de esquerda e alguns sindicatos começaram a incorporar conceitos próprios da ecologia social, de alguns partidos *verdes*, da economia ecológica e do decrescimento... dando origem por exemplo a correntes ecossocialistas mais ou menos conscientes dos limites da biosfera. Porém, esta incorporaçom é inconsistente em muitos casos (eis as contradicçoms de formaçoms como Esquerda Unida), quando nom desesperantemente lenta e parcial. As grandes mudançass culturais têm um ritmo obrigadamente lento (o *cultural lag* de que fala Catton), também na cultura da esquerda, e está por ver que sejamos quem de apressá-las para adequá-las ao acelerado colapso do paradigma em que baseamos a cultura atual, quer dizer, o paradigma do crescimento contínuo e da abundância energética que o fixo possível.

A esquerda que partilha com a direita essa visom de que a crise por definiçom é produzir menos (segundo mede esse instrumento-tótem da visom crescentista da economia que é o PIB), nom sabe oferecer mais do que tratamentos diferentes —mas igual de míopes— para um diagnóstico errado da situaçom socioeconómica atual. Interpretam o problema em parámetros puramente económico-financeiros, e portanto buscam num autolimitado conjunto de políticas económicas a soluçom, tirando habitualmente dos manuais keynesianos clássicos com escassas adaptaçoms, sem compreenderem que esse tipo de políticas tem uns condicionantes ecológicos para serem factíveis e, sobretudo, efetivas. Para eles voltar ao crescimento nom só continua a ser possível mas é um fim desejável socialmente: para esta visom tradicional da esquerda, mais crescimento supom mais ingressos para o Estado, mais serviços públicos, mais emprego, mais possibilidades de redistribuçom e, sobretudo, menos conflito social ao haver *mais para todos*. Eludem a questom, central no Decrescimento, de que mais crescimento num mundo finito implica esgotamento dos recursos e aumento dos resíduos, e que nesse sentido é precisamente o caminho mais perigoso para umha espécie necessariamente confinada numha biosfera nom infinita. As consequências sociais de perseguir um crescimento impossível som justo o contrário do desejável, a nom ser que tenhamos como espécie umas ocultas tendências suicidas.

A famosa *senda do crescimento* a que querem uns e outros voltar, nom leva a ningures mais do que ao abismo, e quanto mais teimemos em avançar por ela, mais custoso será o retorno. O inteligente seria voltar-mos ao vale, abandonar a ascensom a umha montanha de que antes que depois estaremos obrigados a baixar.

## “O progresso é umha tendência histórica sem passos atrás”

O problema da interpretaçom acientífica da funçom do crescimento económico, assim como a fé cega na tecnologia (convertida na nova magia), ancoram-se num credo mais profundo e prévio na história: a fé no progresso como tendência irreversível (quer dizer, destino) da história humana. Esta fé nasce, provavelmente, com a Ilustraçom, e é abraçada fervorosamente pola sua filha política, a esquerda, que a leva impressa nos genes desde o seu mesmo nascimento. Com o tempo, e com a inestimável ajuda da conceiçom capitalista do progresso, esta ideia vai-se limitando a ser percebida como um progresso unicamente material, e portanto vai-se identificando com o crescimento económico quantitativo. Desenvolvimento, crescimento e progresso som, hoje em dia, sinónimos na prática do discurso político, tanto na esquerda como na direita.

Cheios de arrogância pensámo-nos como a civilizaçom definitiva, eterna, sempre em progresso para perfeiçom. Porém, todas as anteriores civilizaçoms rematárom por desaparecer, e a história humana foi-se configurando como um processo com avanços e retrocessos em todos os níveis sociais: níveis materiais, de liberdades, nível de vida, demográficos, culturais... Seica já temos esquecido as consequências da queda do Império Romano e os prolongados parons e retrocessos que desde entom sofreu o suposto progresso perpétuo da nossa espécie.

Desta fé derivam outras subfés, a modo de memes dogma triunfantes no processo de seleçom cultural dos últimos três séculos, como a da produtividade sempre crescente, que analisarei a seguir.

## **“O aumento histórico da produtividade é fruto de umha revolução científico-técnica imparável”**

É comum encontrar-se na esquerda com autores que baseiam a sua demanda de políticas mais justas numha suposta tendência ao aumento da produtividade, que segundo eles se deve à *revolução científico-técnica*. Argumentam que este crescimento “*vertiginoso*” da produtividade, considerado como irreversível, faria possível liberar os trabalhadores “*de boa parte do trabalho físico*”, diminuir o tempo de trabalho e aumentar salários e pensões<sup>1</sup>. E nom é que nom sejam justas tais medidas, mas que nom som defendíveis tomando como argumento umha suposta produtividade em perpétuo aumento, já que esta nom é fruto da técnica nem da ciência, mas em derradeira e imprescindível instância, da base energética da rede económica industrial. A energia sempre crescente é a que permite umha economia sempre crescente, e umha produtividade que a acompanha neste aumento. E assim é que quando essa energia devala, por muita técnica e ciência de que disponhamos, a economia nom pode seguir a aumentar nem o pode fazer a produtividade; de facto se olhamos para a produtividade medida em funçom da energia utilizada veremos que leva estancada mais de meio século, signo de que entramos como civilização na fase prévia a esse colapso dos rendimentos decrescentes que tam bem analisara Joseph Tainter e que levou ao colapso a quase todas as civilizaçoms pretéritas<sup>2</sup>. Compreende-se nas esquerdas qual é a origem última do crescimento económico? Sabe diferenciar a *energia* (o que fai possível o trabalho, por definição) da *tecnologia* (a ferramenta que permite o seu uso e transformação)? Parece que nom, e assim é que a esquerda acaba baseando numha falácia termodinâmica as suas propostas de mudança social e económica.

Domina a mentalidade atual umha fé, mais própria de tempos pré-ilustrados, em que substituímos o *deus ex machina* pola própria *machina*, quer dizer, umha fé na tecnologia que nos fai acreditar —também na esquerda mais crítica e combativa— que esta é por ela própria capaz de *produzir* energia, quando o único que podemos fazer os humanos com esse fruto da nossa mente coletiva que é a tecnologia, é *transformar* umha energia que é fruto unica e exclusivamente da natureza, sejam fontes renováveis (solares diretas e indiretas, geotérmicas) ou nom renováveis (petróleo, carvom mineral, gás natural, urânio) . Esta inassumida superstição, derivada da mais geral fé no progresso unidirecional, vem afetando a esquerda desde os mesmos começos do capitalismo industrial, apesar de que o mesmo Marx reconhecera expressamente que a riqueza procede em última instância da natureza, e apesar de que desde entom diversos autores venham alertando da perçoem incorreta da origem da riqueza e do crescimento, nom somente por parte da esquerda mas também em todo o espectro da economia neoclássica. Keynesianos e neoliberais nas últimas décadas som claros correligionarios desta fé, e tam só correntes como o Decrescimento e a Economia Ecológica renegam expressamente dela até o ponto de chegar a fazer da sua rotunda denúncia o ponto de partida *sine qua non* para a transformação civilizatória necessária.

A aposta destes críticos é acertada, pois se a esquerda defende a viabilidade de políticas alternativas baseando-se em produtividades e taxas de crescimento que só fôrom possíveis durante um período histórico limitado que já acabou, estará condenando-se a si próprio, de antemao, a um trágico insucesso. Se em algo deve apoiar-se hoje umha esquerda realista e científica é no contexto de descida energética irreversível que tem por diante a nossa civilização, a nossa espécie, e na consciência das colossais consequências que vai ter em todos os terrenos da vida social, política, económica e mesmo cultural e moral. Reclamavam os socialistas históricos com orgulho o adjetivo *científico*: u-o científico hoje de negarmos a realidade do metabolismo termodinámico do conjunto da sociedade? U-lo científico de fecharmos os olhos diante dos limites naturais do planeta?

## **“O sistema monetário precisa importantes ajustes redistributivos e fiscais, mas é sustentável”**

Um dos efeitos mais claros de um devalar energético (e portanto, económico) irreversível sobre o paradigma socioeconómico actual será a nom continuidade do sistema monetário tal e como o conhecemos. Isto é devido a que a criação do dinheiro bancário, no modelo atual, está baseada na perpétua criação de dívida, mas isto requer necessariamente que a economia de manhã seja maior, em termos quantitativos, à de hoje, para permitir nom só devolver o crédito mas pagar também os juros. Isto há mostrar-se impossível num contexto de decrescimento económico permanente, que é inevitável devido ao Teito do petróleo e à absoluta correlaçom existente no metabolismo da civilização industrial, entre consumo desta forma de energia e produçom de bens e serviços. Portanto, sem poder pagar juros da dívida (tanto seja pública como privada), nom é viável o sistema, e mesmo nom cabe esperar que se poda chegar a devolver o principal de todos os empréstimos vivos na atualidade.

O analista británico Euan Mearns advertia em 2011<sup>3</sup>:

O Teito do petróleo pode ameaçar o sistema bancário e financeiro mundial já que o esquema Ponzi de crescimento baseado na expansão do crédito requer um fluxo crescente de energia barata para alimentar a economia real. Quando esse fluxo de combustível barato secou, a economia real falhou e fixo emborcar o sistema mundial bancário de reserva fraccionária que está no coração deste esquema Ponzi.

O meu colega na Associação Véspera de Nada, o professor de economia Xoán R. Doldán resumia-nos a situação interpretando a política económica que estamos a padecer desde o começo desta crise terminal<sup>4</sup>:

Está claro que o sistema financeiro e monetário atual está caput. (...)

Agora sabemos que separar o financeiro da base material da economia foi possível durante um tempo mas é impossível no meio ou longo prazo. De momento o poder financeiro e os seus empregados e representantes, que nom som outros que os representantes políticos nos diferentes parlamentos, estão a «reformatar» a economia para expropriar enquanto podam o património que fica em maos dos Estados e das instituições públicas, ao tempo que acrescentam os mecanismos de opressom e exploraçom das classes trabalhadoras, famílias e pequenos empresários, para cobrir as enormes perdas ocasionadas no casino capitalista. (...) nom pararám até que haja nom só sintomas de resistência mas umha resistência real manifestada em todos os ámbitos. Poderám manter certo tempo o sistema financeiro e monetário baixo essa contínua opressom e expropriaçom mas com o objetivo de acrescentar a concentraçom do capital financeiro.

Deter-me-ei agora nestas reformas espoliadoras que Doldán liga com a fase terminal do atual sistema financeiro, e de que a esquerda política e social tem umha perceçom demasiado limitada.

### **“Nom é umha crise, é um roubo”**

A esquerda denúncia com deslumbrante unanimidade que é falso que vivêssemos *por cima das nossas possibilidades*, como nos dizem os atuais governos buscando agachar trás essa desculpa umha brutal redistribuiçom do dinheiro público em beneficio dos seus amos. A sua falsa austeridade recorta, em efeito, onde nom lhes convém gastar para transferir todo o dinheiro público que fizer falta (e ainda mais, quer dizer, endividando o Estado) a onde sim lhes interessa, como nos explicava Doldán. Roubo sim, está claro, e espólio, e saque, e hipoteca para o futuro... mas também crise, sim, e em realidade umha crise muito pior do que nos contam. *Cortes, austeridade, resgates...* som palavras que agacham bem mais do que se supom que comunicam, num panorama semiótico cada dia mais orwelliano. Dizia Antonio Turiel numha entrevista que lhe figem a finais de 2012:

Objetivamente sim que temos vivido por cima das nossas possibilidades porque o nosso sistema baseou-se e baseia-se em explorarmos os recursos de outros países sem pagar-lhes de maneira justa; mas nom o fizemos da maneira que nos explica quem malha com esse discurso. No que diz respeito aos cortes, é absolutamente incrível o eficaz labor de desinformaçom que fazem muitos meios, começando por denominarem resgate o que nom deixa de ser um plano de liquidaçom de ativos para pagarmos umha dívida impagável e com grande desfeita da economia. Nom nos enganemos: com os cortes e o resgate o que se pretende é que 20 ou 30% da dívida, que está em maos de grandes capitais internacionais, seja devolvida sem merma e ainda por cima com os juros prometidos; e para conseguir esse fim se há que destroçar a economia malvendendo ativos, pois faz-se, e com a colaboraçom ignorante ou complacente dos nossos governantes. (...)

Com as medidas de austeridade, portanto, nom se pretende nem se espera reativar a economia (o qual, aliás, por limitaçoms dos recursos é impossível) mas devolver-lhes bem o seu dinheiro a uns poucos, enquanto que a massa de credores (que inclui o reformado que colocou o suas poupanças de toda a vida em preferentes e similares até o fornecedor daquela câmara municipal que lhe deve dous anos de subministros) perde quase tudo e os cidadãos recebem o castigo de menores serviços. Essa é a realidade, e quem diga outra cousa mente.

O espólio do Estado nom deve impedir-nos ver a crise terminal que há de fundo, que nom é só financeira, nom é só económica... nem é um ciclo económico de que podamos sair. Desta crise nom sairemos nunca, como bem nos lembrava naquela entrevista Turiel<sup>5</sup>. Neste sentido o roubo é mais genocida do que poderia parecer numha análise superficial e meramente política às esquerdas, mas a crise também existe por trás desta histórica e monumental fraude: é a crise terminal da nossa civilizaçom.

## “Ou tecnologia ou cavernas”

Quando alguns criticamos a fé na tecnologia, maioritária entre as esquerdas como em toda a sociedade atual, alguns querem defender-se dizendo que somos contra o próprio conceito de tecnologia. Parecem não perceber que o que criticamos é a dependência de um determinado conjunto de tecnologias: dependência com respeito à fonte energética que requerem ora para funcionarem (p.ex. veículos com motor de explosão) ora simplesmente para existirem. Aliás, a complexa panóplia tecnológica moderna é sumamente dependente de uma colossal quantidade de materiais e elementos componentes, fabricados mediante minerais muitos deles já escassos e em qualquer caso extraídos todos eles da crosta terrestre mediante uma mineração que depende totalmente dos combustíveis fósseis. Isso por não falarmos dos vulneráveis que são as correntes de subministro da mundialização diante de qualquer contratempo, ainda que for temporário, como se pôde comprovar não há muito tempo com a carência de discos rígidos de computador a nível mundial devido a umas maciças inundações que paralisaram a maioria das fábricas, concentradas em Tailândia<sup>6</sup>.

Criticamos não o conceito de tecnologia em si próprio, o qual seria bastante absurdo pois é uma característica intrínseca à nossa espécie desde as suas origens, mas a suicida dependência de determinadas tecnologias em que nos embarcamos cegamente neste quase não século e meio de auge industrial. Assim é que defendemos com rotundidade outras tecnologias possíveis e aliás já existentes e contrastadas pelo seu uso histórico: tecnologias democráticas, simples, eficientes, de baixo custo energético e em materiais, replicáveis localmente, simples de perceber e de fazermos nossas (*de código aberto*, diríamos agora), que não nos expõem a riscos inassumíveis em caso de colapso económico. Assim, um carro que só pode funcionar com derivados do petróleo não fará sentido num mundo que fica sem petróleo e com as correntes internacionais de subministro *just-in-time* de componentes rachadas sem remédio, mas uma bicicleta — que também é um elemento tecnológico — tem mais sentido do que nunca pois consome energia renovável — as pedaladas da pessoa que a usa —, é duradoura e simples de manter pois pode ser construída e reparada sem conhecimentos hiperespecializados, por uma só pessoa, sem dependermos de empresa ou organismo estatal nenhum e com material mesmo de refugallo, acessível em qualquer lugar do mundo. É o conceito da tecnologia *apropriada*, nos dois sentidos que essa palavra tem, que após o seu surgimento como proposta cultural nas crises políticas do petróleo da década de 1970 deve voltar para se instalar definitivamente nas novas sociedades da pós-abundância.

Devem compreender as pessoas que se consideram de esquerda que a prática totalidade dos elementos tecnológicos dos quais dependemos na nossa vida diária nas sociedades industrializadas, nestas sociedades da opulência energética, só são possíveis graças à disponibilidade contínua de combustíveis fósseis baratos. A atitude de “*non estamos dispuestos a renunciar a estos sucesos tecnológicos*” com o que alguns reagem à crítica decrescentista consciente do *peak oil*, demonstra que não se capta ajeitadamente o quadro de opções que temos, e que a consciência de que muitas partes fundamentais da nossa complexa sociedade vão ir deixando de funcionar à medida que o petróleo escasseie não dá penetrado em mentalidades formadas no contexto cultural do crescimento contínuo. Qualquer formulação social e política que não assuma o que vai significar esse grande colapso funcional do nosso sistema-mundo não só será inútil mas que o podemos criticar como perigoso pois caminhará em direções sem saída que teremos finalmente que desandar como sociedade, com o gasto de energia adicional que essa rectificação implicará. Não estamos em condições de errar de caminho a estas alturas da viagem, com o depósito do veículo prestes a ficar vazio.

## “Ou crescimento ou cavernas”

Replicava-me numa ocasião o membro de Esquerda Unida Lino C. Vilas<sup>7</sup>: “*¿Volvemos a la Edad Media? Esta supuesta solución nos llevaría a la misma situación de decrecimiento traumático, de hambre y miseria, de la que supuestamente nos quiere salvar*”. O símil da Idade Média e o das cavernas são recursos superficiais e sistemáticos entre os que criticam a opção decrescentista, com que demonstram não compreender a contraposição entre decrescimento planificado — e, portanto, suavizado — e o que se pode esperar se se deixa o sistema decrescer por si próprio, quer dizer, *colapsar*. Joseph Tainter, ao igual que os que estudam os sistemas complexos dinâmicos e adaptativos, não o pode dizer mais claro: os sistemas complexos não se autossimplificam, simplesmente colapsam e são substituídos por outros mais simples. Pessoas situadas politicamente na esquerda *convencional*, como C. Vilas, não são quem ainda de reconhecer que o facto de antecipar e preparar a sociedade para o fim inevitável de uma civilização marcaria a diferença entre o aceitável e o traumático. Diante da alternativa *Decrecimiento ou barbarie*, eles negam a possibilidade mesma da barbárie e em consequência a necessidade da alternativa que se lhe contrapõe: se não vai haver colapso nenhum, não precisamos escolher entre o colapso caótico e o colapso mais ou menos controlado. Assim é que o primeiro passo que deveriam dar seria aceitar a inevitabilidade do colapso, quer dizer, a inviabilidade física de o modelo atual continuar e a impossibilidade de se adaptar esponânea e rapidamente a níveis bem mais baixos de energia; e, em segundo lugar, reconhecerem a sua iminência, quer dizer, reconhecerem que a crise atual tem um fundamento e desenvolvimento de tipo entrópico. Como já advertia há vinte-e-um séculos Lucius Annaeus Seneca, e nos lembra com frequência o professor Ugo Bardi, divulgador italiano do *peak oil*, o caminho para a riqueza é lento mas a ruína chega

bem mais rápida. Para realizarem na esquerda convencional esta mudança na sua percepção, devem assumir uma visão física, científica, do funcionamento social e compreender a sua termodinâmica, como nos lembra Xoán R. Doldán<sup>8</sup>:

(...) nom existe produção material sem matéria. E isto leva-nos à termodinâmica, essa que também nos leva a falar do petróleo. A única forma de (re)utilizar a matéria uma e outra vez é mediante o uso de energia. A única forma de lutar contra a dispersão material incessante que provocamos é mediante usos crescentes de energia. Essa energia é limitada exceto no caso das energias renováveis, refiro-me à energia primária. Mas resulta que de forma esmagadora usamos energias nom renováveis (esgotáveis por definição (...)), e as renováveis algumas som esgotáveis (a biomassa, se nom respeitamos os ritmos de reposição) e todas, umas e outras, estão limitadas pola tecnologia, pola taxa de retorno energético, polo espaço disponível, polos materiais disponíveis... quer dizer quando passamos essa energia primária a uma forma disponível há limites. Há limites energéticos, tecnológicos e, portanto, materiais. A produção material poderá aumentar sim... mas até um limite.

Os partidos autodenominados *progressistas* identificam polo geral progresso com crescimento material da economia, e portanto para eles tudo o que nom seja crescer é um abandono do progresso. Essa ideia do progresso como processo histórico imparável é outro dos mitos gravados a lume na cultura desta civilização do crescimento, se calhar mais ainda na cultura da esquerda, como já aponteí.

### **“Quem renúncia a crescer está a suicidar-se”**

Quando pessoas desde a esquerda convencional tentam penetrar na realidade do colapso e no que implica a opção do decréscimo voluntário e planificado, em ocasiões analisam —a partir dos seus parâmetros autolimitados— a situação em que ficaria situada no contexto económico mundial essa sociedade decrescentista à procura da auto-suficiência que alguns reclamamos. E aí de novo bate com os vícios ideológicos do curto prazo e da mentalidade da competitividade, e pretende achar um problema onde em realidade há uma vantagem comparativa (que nom competitiva) . Os defensores do Protocolo de Uppsala (também chamado Protocolo do Esgotamento do Petróleo) defendem, por contra, que uma renúncia progressiva, voluntária e antecipada ao petróleo nom só nom coloca a coletividade que fai essa aposta em pior situação que as que teimem em manter na via morta do crescimento custe o que custar, mas que a situa em melhor ponto de partida que estas para resistir a escassez que tarde ou cedo haver chegará a todos, quer dizer, melhora a sua resiliência sacrificando a sagrada competitividade em curto prazo. Em qualquer caso, o colapso vai ir (está indo já) *por bairros*. Assim por exemplo a situação na Grécia afasta-se aceleradamente da de países como a Alemanha. E a situação também em Espanha ou em Portugal começa a formular abismos entre classes sociais impensáveis outrora. Quer dizer, essa desigualdade entre o acesso aos recursos económicos (no fundo, energéticos) precisos para mover o motor social, já se está a produzir. Mas nom é comparável a renúncia voluntária —e portanto planificada— de uma sociedade em transição consciente para outro modelo de consumo energético, em reestruturação acelerada para adaptar-se a essa escassez, que uma sociedade forçada a renunciar contra a sua vontade e que teima em manter níveis de consumo que já lhe som impossíveis. Podemos compreendê-lo melhor, talvez, comparando isto com uma estratégia similar à escala pessoal/familiar: nom é igual uma pessoa ou família que em vista de que vai perder o seu trabalho em médio prazo opte antecipadamente por uma vida mais simples, renunciando inicialmente a uma meia jornada do seu trabalho e reduzindo em igual ou maior medida os seus gastos, que uma pessoa que inesperadamente e contra os seus desejos perde o seu trabalho e fica com dívidas e outro tipo de hipotecas vitais a que já nom pode fazer frente devido a que manivo um alto nível de vida até o final. Nom é casual que este tipo de palcos nos remeta à clássica fábula da chicharra e a formiga. De novo achamos mensagens da sabedoria popular e do sentido comum das culturas pré-industriais bem mais acaídos para interpretar o presente e o futuro que os memes triunfantes da cultura capitalista-consumista.

Portanto nom podemos aceitar a desqualificação de “suicídio” social que alguns fazem da proposta de sair da impossível corrida internacional de ratos do crescimento e do consumo desorbitado de recursos associado, e devemos responder-lhes com rotundidade que, em realidade, abandonar essa corrida é a única maneira de sobreviver. Robert Hirsch, no seu famoso relatório encarregado polo governo dos EUA<sup>9</sup>, estimava em vinte anos o tempo necessário para realizar as profundas e extensas transformações sociais que seriam precisas nas sociedades industrializadas para passarmos do modelo dependente do petróleo a outro baseado em energias renováveis e locais, e isso contando com que houvesse financiamento e energia bastante para realizar uma mudança semelhante, um repto coletivo cujas dimensões nom tenham precedentes na história da humanidade. Se calhar já nom teremos nem tam sequer cinco anos para fazê-lo, pois se tem calculado que o ritmo de queda da extração, unido à redução das exportações devido à maior proporção que reservarlam para si próprios os países produtores (o teto das exportações líquidas), e à competência de países que ainda estão a crescer, como Indiana e China, pode levar a que tam cedo como em 2018 já nom haja petróleo disponível no mercado mundial para o resto de países! Podemos chegar a albisar a gravidade de tal perspectiva geopolítica? A esquerda maioritária, por muito transformadora que se reclame, parece longe de fazê-lo e corre o risco de ser varrida da história polas consequências desta situação e polo seu insucesso em prevê-las. Chega com lembrarmos um dado: a organização que mais petróleo consome em todo o planeta é o exército dos EUA. A sua

estratégia de acaparar os derradeiros recursos petrolíferos coincide no tempo com os primeiros relatórios científicos acerca dos sintomas de esgotamento do petróleo, que indicavam que aquela teoria de Marion King Hubbert — originador do conceito do *peak oil*— que se demonstrara verdadeira para a extração histórica de petróleo estadunidense, se estava a confirmar também a nível do conjunto de poços do planeta<sup>10</sup>. Aí estão como plasmação dessa estratégia as invasões do Afeganistão e Iraque. Aí temos as manobras sobre a Líbia, Síria e Irão, com outras potências como China e Rússia já posicionadas e não dispostas a perder o seu bocado.

## “O referente deve continuar a ser a classe trabalhadora”

Uma das mudanças na representação do mundo que mais lhe custa fazer a quase toda a esquerda política é a perda do carácter único (ou quando menos central) do proletariado nas propostas de transformação social. A classe trabalhadora tal e como a percebem hoje sindicatos e partidos de esquerda, nasce paralelamente ao capitalismo e está historicamente unida a ele. Antes do capitalismo industrial não existia e depois do capitalismo industrial deixará de existir, ao menos numa dimensão comparável à atual. Isto desloca absolutamente a esquerda, que se nega a assumi-lo. Se calhar no fundo da sua relutância a aceitar o fim do mundo capitalista-industrial esteja inconscientemente o temor à perda do referente proletário que lhe dá sentido como campo de ação política. Deveria resultar óbvio concluir que a esquerda deve repensar-se a si própria se aceitamos que a meio prazo boa parte das indústrias em que se empregam esses trabalhadores vão desaparecer, ao desaparecer a abundância energética fóssil que as fez possíveis e lhes deu sustento durante a Era Industrial. Desde há tempo vem-se reclamando à esquerda, nomeadamente na sua forma sindical, que acolha como o seu referente social não só os trabalhadores mas também os excluídos do sistema capitalista: pessoas que nunca trabalharam, imigrantes, mulheres ao cargo dos cuidados e labores familiares, pessoas sem fogar, etc. E ainda que algo se tem avançado nesse sentido, conviria acelerar essa mudança de referentes, também no simbólico e no discursivo, reconhecendo que cada vez haverá menos trabalhadores assalariados no sentido clássico e mais excluídos destes e de novos tipos.

Neste processo deveríamos assumir também que boa parte da população que agora mora e trabalha (ou subsiste sem emprego) no âmbito urbano terá que desfazer o caminho histórico da emigração que levou as suas famílias do campo e das economias familiares labregas, a umas cidades em processo de industrialização e crescimento; quer dizer, terão de se reconverter de novo, na sua maior parte, em labregos e camponeses. Não podemos aguardar ingenuamente que a tarefa de facilitar essa migração a assumam um sistema capitalista interessado em esvaziar ainda mais o nosso campo e tê-lo assim livre de obstáculos sociais para explorar os seus recursos (renováveis ou não). O mais seguro é que esta nova classe neolabrega não seja uma repetição histórica da dos nossos avós e bisavós: provavelmente seja uma classe de labregos maioritariamente sem terra, porque os possuidores do capital —melhor situados e caladamente conscientes da inevitabilidade do processo de colapso— estão a pousar a sua depredadora olhada com cada vez menos fingimento sobre a terra como recurso, como fonte de riqueza e lucro, e farão o possível por deslocarem e despojarem os atuais habitantes do nosso campo, com a colaboração decisiva dos que nos des governam e dos meios de comunicação de massas, também controlados por eles, e que continuarão a ocultar que haja o mais mínimo problema civilizatório. Provavelmente, como sucedeu já noutros momentos da história, o poder contribuirá a este acaparamento de terras afogando os habitantes do rural com mais e mais impostos e abafantes regulamentações, ao tempo que lhes retira o suporte de serviços públicos (escolas, transporte, sanidade...) para afugentá-los da cobiçada terra e atraí-los a umas cidades que em realidade o que precisam é um fluxo migratório inverso para se reduzirem até níveis sustentáveis.

Portanto quem deve jogar um papel central na resistência a esta forçada deriva histórica é a esquerda como referente que é dessa classe *ainda* trabalhadora, e teria que fazê-lo em aliança estratégica com uns sindicatos agrários com que construir um novo anticapitalismo pós-industrial que defenda o meio rural como principal base e sustento vital para a grande maioria do povo, tanto do ponto de vista material (alimentos, água, matérias primas, energia) como do ponto de vista dos meios económicos de vida (trabalho, fontes de ingressos monetários) ou mesmo como alicerce para as novas estruturas sociais de uma civilização neagraria que substitua, diversa e local, a moribunda civilização industrial planetária. E penso que seria bom fazê-lo em paralelo a uma crítica ao próprio conceito do trabalho, crítica presente desde o alvorecer do movimento operário (chega lembrarmos Paul Lafargue ou, nos nossos dias, J.M. Naredo<sup>11</sup>) e que pula por ser revitalizada por diversos movimentos sociais nesta época que, tal e como é a do fim do capitalismo industrial, pode ser também a época do fim do trabalho como referente central da vida social. Em definitivo, a esquerda deveria olhar além da exploração capitalista da classe trabalhadora e assumir a luta contra as novas (ou não tanto?) formas de exploração e de pura e simples dominação de uns seres humanos sobre outros, que centraram as lutas do amanhã e que penetram cada vez mais as lutas do presente.

Pode e deve opor-se com rotundidade a esquerda contra o desmantelamento dos serviços públicos no rural, porque ainda que o Estado possa rematar por colapsar na sua complexa e mastodónica configuração atual, devemos defender que durante o maior tempo possível se mantenha a infraestrutura que lhe facilita a vida ao nosso campo, mesmo por cima da infraestrutura que haja que sacrificar nas cidades, onde seria investida numa via sem saída em detrimento dos recursos aplicáveis à consolidação e transição rural. Podemos lutar por tecer redes sociais

resilientes e resistentes no rural, construímos umha sociedade neoagrária preparada para viver sem petróleo e para fazer frente aos seguros ataques que sofreremos, que estamos já a sofrer: esmagamento de pequenas explorações, invasão de transgénicos e agrotóxicos, contaminação das águas, espólio e destruição de bens naturais comuns de todo o tipo, eliminação física da própria terra (caso da megamineração), modificação do quadro legal, destruição cultural do comunitário, e um trágico e comprido etcétera.

Nom poderemos fazer perviver a classe operária depois do petróleo, mas sim que podemos ajudar a (re)nascem umha maior classe labrega, digna e forte, que será a coluna vertebral de umha Galiza sem petróleo.

## “Queremos trabalho”

Insistindo na questão do trabalho, assinalarei outro erro do qual deve libertar-se a esquerda: a identificação entre o instrumento (o emprego) e o fim (umha vida digna onde as necessidades humanas estejam satisfeitas). “*Quero um emprego, ainda que seja numha fábrica de armas ou numha mina poluente*”, continuamos a escutar a demasiados trabalhadores, mesmo que possuam consciência de classe e se identifiquem como de esquerdas. Quando nos daremos libertado do mito do trabalho e voltaremos a perceber de que o ser humano nom precisa trabalhar? O que precisamos é alimento, vestimenta, um lugar onde habitar... e, a outros níveis, o resto das necessidades presentes na pirâmide de Maslow. Mas em absoluto é umha necessidade vital termos um emprego remunerado a que dedicar boa parte da nossa existência, desse tempo de vida que é o *único que realmente possuímos*. O trabalho é umha categoria social muito recente na história, um veículo criado interessadamente polo capitalismo ao longo do seu desenvolvimento industrial, e no qual acabou acreditando cegamente a esquerda, defendendo-o ao final como se fosse um fim em si próprio. O direito ao trabalho deveria ser, portanto, repensado, relativizado pola esquerda, e substituído polos direitos irrenunciáveis a termos cobertas essas necessidades reais, físicas e psicológicas. Aliás, como nos lembrava Antonio Turiel fazendo uso ele também do símil da fraude piramidal, no modelo atual a defesa do emprego leva perigosamente associada a defesa do crescimento a todo o custo:

estamos habituados a ouvir que para que se gere emprego líquido o PIB tem que crescer no mínimo 2,5% anual, sem ter em conta que isso implicaria ter 12 vezes o PIB de hoje no prazo de um século, quer dizer, ter que produzir 12 vezes os bens e serviços de hoje (ao menos, no que dizem respeito a valor) . E enquanto se tenta inventar um tipo de economia imaterial, isso de momento implicaria 12 vezes mais estradas, 12 vezes mais carros, 12 vezes mais barcos, 12 vezes mais de tudo, possivelmente mesmo 12 vezes mais população. Alguém imagina umha Galiza com 30 milhões de habitantes dentro de um século? Assim as cousas, estamos a comungar com rodas de moinho e aceitamos viver baixo um sistema que só gera emprego sobre a base do inflar todo a velocidade exponencial, num gigantesco esquema de Ponzi onde os últimos em entrar mantemem aos que entráram antes mas cada vez pior, e que acaba como acabam todos os esquemas de Ponzi: chega um momento em que a situação é insustentável e a fraude piramidal se esborralha.

Sim que achamos umha certa crítica à necessidade do trabalho assalariado, surgida como resposta a umha época de crise permanente onde o mito do pleno emprego parece mais afastado do que nunca, é a defesa da chamada Renda Básica, quer dizer, uns ingressos mínimos assegurados polo Estado para cada cidadá(m). Assim e tudo, percebo-a como umha crítica muito parcial pois continua a basear-se na continuidade do sistema monetário (solicita um *dinheiro* mínimo para todos) e do sistema estatal de bem-estar social, quando talvez o que deveríamos reclamar neste contexto histórico seria a *Leira Básica*, quer dizer, terra suficiente para cada família satisfazer as suas necessidades básicas de alimento, energia renovável (lenha, p.ex.) e habitação: de novo um salto cultural que a esquerda parece demasiado longe de fazer.

## “As conquistas sociais do Estado do Bem-estar podem e devem continuar”

Como venho dizendo, a esquerda costuma basear-se em previsões sem base física acerca da continuidade dos parâmetros socioeconómicos da Era da Abundância, e nom só quando se reclama a Renda Básica. Assim p.ex. Vicenç Navarro defende que um incremento contínuo da produtividade poderia sustentar indefinidamente um sistema de pensões como o atual. A esquerda continua a presumir que os aparatos estatais do chamado Bem-estar (sanidade, serviços públicos, ajudas sociais, pensões, etc.) vam poder continuar a ser viáveis indefinidamente, quando em realidade som direta ou indiretamente dependentes de um descomunal fluxo energético para sustentar a sua complexidade e lutar contra a sua degradação entrópica e, ainda por cima, dependem financeiramente de uns ingressos estatais estáveis através dos impostos, que por sua vez estão em função do grau de crescimento do conjunto da atividade económica. Com certeza, isto nom quer dizer que nom exista, adicionalmente, umha ameaça de tipo político que leva ao espólio e desarticulação das pensões e dos serviços públicos, espólio que também nom é alheio na sua origem à situação de colapso capitalista que venho descrevendo, como bem apontavam as anteriores citas de Doldán e Turiel. Mas em qualquer caso, se há de continuar a existir um Estado (alguns duvidam-no à luz da energia que custa manter um complexo aparelho centralizado num território extenso) e se este tem de continuar a fornecer algum tipo de serviço público necessariamente mais modesto e eficiente, deverá ser um Estado que desligue a sua viabilidade económica da necessidade do crescimento económico, e deverá ser, antes que nada, um Estado que



assuma a necessidade de decrescer ordenadamente e de maneira socialmente sustentável. Não ter isto em conta pode supor a extinção da esquerda que aposta no Estado como veículo para a transformação social, que não seria quem sobreviver ao colapso da estrutura política em que se baseia. Não quero dar a entender que não possa haver pensões ou serviços públicos no futuro, mas que haveria que reformular não só o Estado mas toda a sociedade sob parâmetros urgentemente decrescentistas e libertados do dogma capitalista para que fosse factível (sustentável) alguma função estatal desse tipo no futuro.

## “A crise que a paguem os ricos”

...Ou também expressado assim: “que decresçam eles”. Logicamente se não se percebe a natureza da crise nem a proposta que oferece o Decrescimento, não se pode assumir a necessidade e mesmo a conveniência de decrescer voluntariamente e quanto antes. Alguns proclamados comunistas mesmo chegam a reagir contra a proposta decrescentista acusando-a de pequeno-burguesa, reacionária ou fascista. Para formular o *pagamento* da crise nos termos que o faz a frase que encabeça esta secção, é preciso ter uma visão totalmente monetarista e não física da crise, da sua origem e das suas consequências. Ainda que todos os milionários do planeta *decessem* no seu consumo pessoal de energia e recursos, como parecem reclamar alguns, seria mínima a repercussão na atual corrida da nossa civilização para o colapso mais absoluto. Esta confusão vem acompanhada comumente pela consideração do problema atual como um problema de repartição da riqueza, sem termos em conta que além de uma acaparação cada vez maior e mais injusta da sua parte do bolo por parte dos plutocratas, o proverbial bolo macroeconómico está a minguar sem remédio. O Decrescimento não se propõe homogêneo e sim, por contra, adaptado e adaptável, para que decresça mais (*pague* mais) quem mais se extralimitou com respeito ao que pode aturar o planeta, e aí, como é lógico, tocará-lhes decrescer bem mais aos países mais consumidores, mais poluentes, mas também às organizações, localidades, famílias e indivíduos. Nesse sentido os ricos pagarão mais, claro que sim, ainda que pagar tenhamos que pagar todos, sobretudo os que estamos a consumir por cima dessa média, se queremos permitir que os que consomem ainda por debaixo possam melhorar quantitativamente o seu nível de vida. É preciso que comecemos a considerar não só as desigualdades económicas entre países e classes sociais, mas também, e sobretudo, a desigualdade no consumo energético para igualarmos os consumos e sobreviver todos nas melhores condições possíveis e sem hipotecar os recursos dos que deverão viver as gerações próximas. Isto resulta difícil de trazer para verdadeira esquerda enrocada em posturas obreiristas e antiecológicas em que a luta de classes é a única realidade subjacente a tudo. Isto não deixa de ser outro exemplo mais de dissonância cognitiva: certos militantes e pensadores de esquerda não som quem de integrar o conhecimento do *peak oil* e da crise entrópica da nossa civilização no seu paradigma mental, esse esquema com que explicam e interpretam o mundo, assim que se limitam a negar a realidade que não lhes acopla nessa representação e insultam os mensageiros da teimada realidade. Não fazem o esforço de pensar que as bases ideológicas da esquerda não tenham porque ser em absoluto incompatíveis com a termodinâmica, e de facto se voltamos aos autores de referência também para esta esquerda, encontraremos uma compreensão menos cegada pela exuberância energética do século XX acerca da maneira em que funcionam as civilizações humanas, ainda que como bem nos lembrava Xoán Hermida num comentário no meu blogue, também não podemos acreditar que Marx chegasse a ser tão preclaro como para antecipar a terrível situação em que nos íamos encontrar cento e trinta anos depois do seu pasamento.

Já que a crise é antes de nada energética, não podemos eludir a nossa parte de culpa, pois fazemos parte de um sistema de trabalho-crédito-consumo que devora quantidades devastadoras de energia e materiais, produzindo milhões de toneladas de resíduos, modificando o próprio clima e outros aspetos críticos da biosfera de que dependemos. Reconheçamo-lo de uma vez: os trabalhadores-consumidores somos uma peça imprescindível para que este sistema destrua o nosso futuro.

Explicava Doldán que:

evidentemente, os consumos não som todos iguais, como não o som as rendas nem a sua origem e, evidentemente, as responsabilidades não som todas iguais, porque quem tem o poder económico é capaz de criar dinâmicas contra as quais unicamente podem lutar os demais e menos ainda mudar. Mas também não poderíamos afirmar a ausência de responsabilidades associada a uma classe proletária que, renegando da sua condição, procura a sua libertação através do consumo. E têm razão aqueles que pedem que decresçam os ricos porque o decrescimento não significa que todos devam reduzir o seu consumo em 10%, por exemplo, mas que uns deveriam fazê-lo em 40%, outros em 30%, outros em 10% e outros, talvez, aumentá-lo em 7%. Mas não só é uma questão de classes, burguesia-proletariado, mas também de povos, de estados... porque, goste ou não, muitos proletários dos EUA, por caso, têm um consumo material que para si quizeram 100 proletários de outros países, e o pior que esse consumo material as vezes é por expropriação já que muita dessa produção consumida é graças ao que se furtou em terceiros países (por mãos da burguesia, claro está) . A solidariedade de classe também deveria passar por consciencializar do papel que o consumo material de um país tem na exploração dos outros, mesmo quando tudo isto obedece à lógica de acumulação capitalista. Sabemo-lo, a alienação da classe trabalhadora por causa da existência de uma propriedade privada dos meios de produção causa estas cousas. Mas, deveremos aguardar a

libertação proletária mundial para manifestar essa solidariedade?. Nom som estas denúncias formas de fazer ver as contradicções do sistema?

Portanto nom podemos lavar as maos e dizer que a crise a paguem só os plutocratas, já que a sua quota de consumo pessoal é ridícula comparada com a do conjunto das nossas sociedades industrializadas, e nesse sentido pagarem este pequeno conjunto de seres humanos com umha reduçom do seu nível de vida ou de riqueza deixaria a equaçom do colapso inalterada e nom evitaria que tivéssemos que pagar um altíssimo preço o resto da humanidade atual e futura. Devemos reconhecer-nos como parte do problema e assumir a parte de transformaçom que nos toque nas nossas vidas pessoais, nas nossas famílias e organizaçoms, nas nossas comunidades... nom só por justiça e pola moralidade de renunciar a sermos ladrõs dos nossos próprios filhos e netos<sup>12</sup>, mas em primeiro lugar por pragmatismo: porque é a única maneira de preparar-nos e aumentar as nossas probabilidades de sobreviver ao colapso.

### “Primeiro há que conquistar o poder”

A teima estratégica de parte da esquerda com a consecuçom de hegemonias e de tomada do poder por vias reformistas ou revolucionárias (o eterno debate), deve ser reavaliada em vista do *timing* deste colapso social que já começou. Mesmo diria eu que já deixou de ser esse um debate realista, já que a urgência da açom nom deixa espaço à via reformista, muito desacreditada já de por si polos resultados obtidos historicamente polos seus adais socialdemocratas. Mas, infelizmente para a esquerda política, nem a capacidade do planeta para suportar-nos —a denominada *capacidade de carga*— nem a geologia (o *peak oil*) aguardam por revoluçoms nem por construçoms de maiorias sociais para *quebra democrática* algumha, por usar a expressom tam do gosto de Xosé Manuel Beiras. E também seria ingénuo pensar que os movimentos geopolíticos vam aguardar polos processos sociopolíticos que se deem em cada país. O decrescimento traumático temo-lo já aqui e a classe trabalhadora, que deveria ser protagonista da mudança histórica devecida pola esquerda, está muito longe de conquistar o poder antes de deixar de ser, pola força dos feitos, *trabalhadora*. Pretende a esquerda estatalista controlar e organizar a produçom e repartir a riqueza desde arriba, mas antes de conquistar o poder necessário para fazê-lo está já a presenciar como esses mecanismos de produçom e de controlo, essa mesma riqueza, e o próprio mecanismo estatal desaparecem diante dos seus olhos. Provavelmente mesmo perda de contado as escassas vias de acesso (eleitorais) para chegar a esse controlo, se as democracias parlamentares burguesas cedem passo a sistemas mais autoritários e com (ainda) menos liberdades e garantias jurídicas, algo mais que provável.

Nom pretendo com isto que desbotemos a questom do poder político quando falamos de Decrescimento ou da necessária resposta diante do colapso. Nom o fai também Ted Trainer, quem aposta por um modelo muito próximo ao comunismo libertário e fortemente ancorado no local. Lamentavelmente sim que é furtada em boa medida esta questom em movimentos de maior sucesso (dentro do minoritário) como as Transition Towns, que lideram a nível mundial a resposta prática e comunitária contra o colapso energético-ambiental como pioneiros na transiçom cultural do mundo urbano. E nesses casos é pertinente umha crítica à proposta como insuficiente, mas nom podemos permitir que sejam desbotadas todas as propostas de açom conscientes do colapso entrópico só porque algumas deixem de lado a questom do poder político, da mesma maneira que nom podemos aceitar limitar-nos às que condicionem toda a açom a umha prévia consecuçom desse poder político. Se calhar o mais ajeitado seria combinarmos a proposta decrescentista mais consciente do significado do *peak oil* com modelos de democracia direta local como proponhem p.ex. Carlos Taibo e o próprio Ted Trainer, adaptados às caraterísticas de cada cultura e sociedade.

Assim resume Trainer a estratégia social e política que propom (o denominado *Simpler Way*) e o seu funcionamento<sup>13</sup>. Cito por extenso porque considero que a sua proposta é especialmente interessante:

As falhas do sistema capitalista-consumista nom podem ser arrançadas dentro de ou por umha sociedade dirigida polo crescimento, polas forças do mercado, a produçom motivada polo lucro nem pola opulência dessa sociedade. Estas som as causas dos problemas mundiais de sustentabilidade e de justiça. As implicaçoms dos limites ao crescimento som radicais.

Temos que encontrar maneiras de viver que impliquem muito menores níveis de produçom e consumo que os que temos agora nos países ricos; acho que por baixo de 1/5 desse nível. Mas isto implica eliminar em boa medida as economias do crescimento, opulentas, mundializadas e altamente industrializadas.

É um desafio especialmente para a esquerda que nom podemos ter umha sociedade centralizada; a escassez de recursos e energia que se achega fará isso inviável.

O que quer dizer tudo isto é que a sociedade de consumo nom pode ser reformada para ser sustentável ou justa; deve ser substituída em boa medida por umha sociedade com estruturas fundamentalmente diferentes.

(...)

O Simpler Way é umha visom de umha sociedade baseada em estilos de vida nom opulentos a partir de economias locais pequenas e muito autossuficientes regidas por controlo local participativo e nom dirigidas por forças de mercado ou polos fins lucrativos, e que nom tivessem crescimento económico. Fai falta umha mudança cultural enorme para afastar-nos da cobiça individualista e competitiva.

(...)

O objetivo nom deve ser as empresas ou a classe capitalista. (...) O grupo onde está o problema, a chave para a transiçom, é a gente em geral.

(...) Portanto é umha batalha de ideologia e de conscienciaçom. Temos que ajudar a gente a ver que é precisa e atrativa umha mudança radical, de modo que se deitem entusiasmados a construir novas economias locais sobre princípios maiormente coletivos.

(...) A maior parte das estratégias, incluindo as de esquerda verde e vermelha ao igual que as estratégias convencionais, estão erradas. O objetivo essencial nom é lutar contra a sociedade consumista-capitalista, mas construir a alternativa a ela.

Nom se pode atingir a revoluçom desde arriba, nem polos governos, nem por partidos verdes ou revoluçom proletárias. Isto só pode ser umha transiçom desde abaixo liderada por gente do comum que busque a maneira de fazer viáveis de um modo cooperativo as suas comunidades locais, à medida que a economia mundial vá falhando em fornecer o que precisam.

Os movimentos das ecoaldeias e das Cidades em Transiçom começaram esta mudança geral, mas as iniciativas locais de autossuficiencia, como as hortas comunitárias ou a Permacultura devem incorporar a consciência de que as reformas que se fagam a umha sociedade consumista-capitalista nom podem trazer umha sociedade sustentável e justa.

Nom se pode conseguir nada significativo e perdurável a nom ser que se perceba claramente que os nossos esforços nestas iniciativas locais som os primeiros passos da substituiçom final desta sociedade por umha que nom esteja dirigida polo mercado, o lucro, a competência, o crescimento ou a opulência. Esta consciência está longe de ser suficientemente evidente nas atuais iniciativas ecologistas.

Assim que lhe digo à gente de esquerda: quereis libertar-vos do capitalismo? Entom o mais subversivo que podeis fazer é unir-vos aos movimentos das Cidades em Transiçom... e laborar para alargar a sua visom atual demasiado estreita e consciençadamente reformista... para incluir a necessidade de substituir o capitalismo... assim como o crescimento e o mercado e todas as forças movidas polo lucro ou a opulência.

Doldán é da opiniom de que em teoria o modelo sim que pode ser articulado desde arriba, mas também desde abaixo, por suposto, sem aguardarmos à famosa acumulaçom de forças pré-revolucionária:

Nós queremos que essa transformaçom inevitável se faga de forma democrática e coletiva, alguns mesmo nos atreveríamos a dizer que de forma comunista. E por isso falamos de decrescimento, para sacudir as consciências, nom para pedir sacrifícios fátuos senom para dizer à gente que deve tomar e exigir o controlo das cousas e nom aguardar soluçom mágicas de nengum tipo, que o mundo nom voltará a ser como era, e que nom se transformará só por desejá-lo, porque está na hora de tomar o poder: o poder para tomarmos decisom democráticas, para decidirmos como queremos que se organize essa sociedade que vai vir e que nom é a promessa dum paraíso proletário onde reinará a felicidade, senom a que já se está a construir. Nom estamos diante, (há que dizê-lo?) de mudanças eventuais e passageiras, estamos diante de um autêntico programa de reorganizaçom social e económica que organiza esta mudança sem a participaçom dos povos. Podemos seguir múltiplos caminhos, aguardar a assumir o controlo de todo, por exemplo, ou podemos ir construindo redes, juntando experiências, fazendo nascer de baixo essa nova sociedade à imagem do que nos parece melhor e procurar que se vão somando mais e mais pessoas a esse processo. Nom se trata, pois, da procura de soluçom individuais senom coletivas, mas consideramos que os indivíduos têm que ter consciência de si mesmos e dos problemas que estão a padecer, e convencer da necessidade de juntar forças para coletivamente construir, com a urgência que se requer, este novo mundo (...) sem necessidade de que a coletividade seja pastoreada.

Quero deter-me para concluir esta parte com um dos clássicos mecanismos revolucionários e de contestaçom social: a greve. Já falei anteriormente de que nom só nom podemos esperar que a classe obreira seja a protagonista dumha sonhada tomada revolucionária do poder, senom que se irá esfarelado rapidamente como própria classe proletária,

arrastrada pela progressiva rutura de setores industriais inteiros. Portanto, como devemos considerar a eficácia de um meio de luta como é a greve, especialmente a greve geral?

Dado que já há tempo que vivemos instalados na época da sociedade de consumo (a fase final dentro da época industrial), o terreno de batalha social acho que se moveu em boa medida da rua e a fábrica para um lugar novo: o supermercado. Se aceitarmos a validade desta mudança nos parâmetros que situam as nossas lutas, se calhar a greve de consumo permanente poderia ser umha ferramenta da luta de classes mais adequada a esta época terminal do capitalismo, que superasse em efetividade a greve laboral, e —o mais importante, seguramente— nos servisse como prática transformadora —nesse sentido, revolucionária— ao nos obrigar a desvincular-nos das correntes de subministro de bens de consumo e, desta maneira, também do próprio sistema capitalista. Deixarmos de comprar quando menos às grandes empresas —que som no fim de contas as que marcam a política económica— mediante uma boicotagem seletiva, poderia ter maior efeito que deixar de trabalharmos um dia em todas as empresas e protestar na rua diante do governo fantoche de turno, além de ser algo ao alcance de todas as pessoas, nom só das trabalhadoras em ativo, já que absolutamente todas as pessoas —desempregadas, indefinidas e precárias, funcionárias, autónomas ou assalariadas— temos neste sistema, antes que nengum outro, o papel de consumidoras. Este seria só um passo (isso sim, estratégico) num plano de abandono maciço da mecânica capitalista, que combinado com a autogestom a todos os níveis, o abandono do sistema financeiro —começando pola banca nom-ética—, a autoproduçom de alimentos, e a economia alternativa para fornecer de outros bens básicos mediante troca, bancos de tempo ou moedas complementares/alternativas, pode ir criando o modelo que substitua na prática —sem esperarmos mais, sem reclamá-lo a ninguém— um capitalismo agoniante. A verdadeira greve revolucionária é começarmos a viver sem capitalismo —como reclama Trainer ou, mais perto de nós as iniciativas cooperativistas ativadas por Enric Duran e os seus colegas na Catalunha—, algo que aliás, teremos que começar a fazer antes ou depois.

### “Nom podemos dizer isto à gente”

Se depois de ter superado as reticências mentais de algum dirigente de esquerdas especialmente informado/a e consciencializado/a sobre o problema do devalo energético, se chega ao ponto de propor-lhe alternativas das dimensons que o momento histórico requer, é muito provável receber por resposta singelamente que isso nom o pode dizer o seu partido à gente. Quer dizer, a revoluçom acaba por nom poder ser nem tam sequer enunciada. Aí achamos um obstáculo final na corrida de obstáculos para conseguirmos que a esquerda se comporte conforme a sua missom neste momento crucial da história humana. Já sem fôlegos depois de luitarmos contra o resto de barreiras que vivemos enunciando, abate-nos comprovar como os partidos políticos tradicionais, mesmo sendo de esquerdas, nom som quem de libertar-se do que poderíamos denominar o efeito *Carter*. Jimmy Carter, daquela presidente dos EUA, no contexto de crise energética dos anos 70 lançou um discurso televisado ao seu povo em que chamava por umha urgente transformaçom social para reduzirem drasticamente a sua dependência do petróleo, sem ocultar que isso implicaria, logicamente, um certo nível de sacrifícios<sup>14</sup>:

O petróleo e o gás natural de que depende 75% da nossa energia, simplesmente estão a esgotar-se... A produçom de petróleo mundial pode que se mantenha durante outros 6 ou 8 anos, mas em algum momento dos anos 1980 nom vai poder continuar a aumentar. A procura superará a produçom. Nom podemos evitá-lo.

(...)

Até verdadeiro ponto, os sacrifícios serão dolorosos, mas assim é como som os sacrifícios que realmente contam. Levará a um certo aumento de custos e a alguns maiores inconvenientes para todos. Mas os sacrifícios podem ser graduais, realistas e som necessários.

(...)

Nom devemos ser egoístas ou tímidos se queremos ter um mundo decente para os nossos filhos e netos.

Os votantes daquele país ouviram na seguinte cita eleitoral, celebrada três anos depois, outra cantiga mui distinta procedente dum ex-ator chamado Ronald Reagan que lhes prometia nom terem que fazer sacrifícios, e que a festa do consumo poderia continuar após unha década de baixo crescimento, alta inflaçom e altos tipos de juro. Durante o debate televisado a todo o país naquela campanha eleitoral de 1980, Carter deu umha visom bastante realista da situaçom energética do país e reclamou o desenvolvimento de fontes próprias de energia e umha melhor política de poupança energética. Porém, Reagan nom replicava com dato algum e se limitou a apelar às emoçoms e ao orgulho nacional resumindo a sua postura em que “*EUA é um país rico em energia*” e que o chamamento de Carter para reduzir o consumo era ridículo. Naquelas eleições presidenciais de 1980, o otimismo sem fundamento de Reagan venceu o sensato realismo de Carter e tivo a imensa sorte de que efetivamente sob o seu mandato a festa pudo continuar mais

uns anos graças à exploração de novos jazigos de petróleo na Alasca, que prolongáram o pico do petróleo local aproximadamente durante cinco anos.

Nom podemos esquecer o que aconteceu a Carter quando interpretamos estas posturas de governos ou oposições de esquerda: instalados como están na mecânica eleitoralista tenhem terror a que o tipo de mensagens que haveria que dar, fagam perder as eleições. Ainda que saibam no fundo que som mensagens necessárias, fam os seus cálculos e acreditam nom poder convencer a gente de que som a única medida necessária, acreditam que os votantes vam preferir as mentiras que falem de sair da crise, de voltar ao crescimento, de continuar a festa... E, se lhes acontecesse como a Carter, nom poderiam governar para tomar as medidas políticas, que ainda que parciais e com umha motivação nom claramente exposta aos votantes, pudessem ajudar —na sua lógica pretendidamente pragmática— a paliar o colapso. Vem-se apanhados na armadilha mortal com o curto prazo eleitoral dos sistemas parlamentares, que supom um grave obstáculo social para abordarmos com eficácia problemas de fundo nas nossas sociedades que requerem sólidas e prolongadas atuações com um contexto temporário além dos malditos quatro anos.

## II. A imprescindível adaptação e antecipação da esquerda transformadora

A necessária reorientação que venho reclamando das esquerdas nom deveria ser tam inassumível pois no fundo só requer fidelidade aos seus valores diferenciadores (a defesa do comunal, nomeadamente), e com umha nova solidariedade estendida às gerações futuras e ao nosso próprio e imediato futuro: nom luitarmos só pola obreira despedida hoje senom também pola labrega em que se converterá amanhã e polos filhos e filhas que também dependerám da terra para subsistirem, como dependeu a imensa maioria da nossa espécie durante a prática totalidade da sua história. Isso implica aperceber-se de que o gasóleo que hoje gasta a fábrica em que trabalha essa operária, se calhar era melhor conservá-lo para o trator que cultive o pam que ham comer as netas, ou para a ambulância que leve o filho a um hospital, ou simplesmente a bomba que subministre água à casa.

Sendo optimistas podemos ver nos últimos anos signos de que algo começa a mudar a este respeito na esquerda na Galiza e noutros ámbitos achegados, algo que gostaríamos fosse o passo prévio imprescindível para umha assimilação profunda do panorama de iminente catástrofe civilizatória. Em agosto de 2009 a câmara municipal de Teu, liderada por Martinho Noriega, aprovou a primeira declaração municipal em todo o Estado reconhecendo o *peak oil* e comprometendo-se a agir localmente ao respeito. Em julho de 2010 Gaspar Llamazares, de Izquierda Unida, apresentou ao governo espanhol umha pergunta sobre as manipulações da Agência Internacional da Energia que alguns meios de comunicação europeus destaparam pouco antes no sentido de esconder este organismo da OCDE a realidade do devalar do petróleo. Em abril de 2011 o parlamento português aprovou o Protocolo do Esgotamento do Petróleo, ainda que o governo do país irmao ignorou até agora a sua aplicação. Graças à implicação de César Santiso —que seria eleito finalmente vereador— Esquerda Unida-Os Verdes assumiu toda umha bateria de medidas para preparar a cidade da Corunha para o *peak oil* no programa com que concorreu às últimas eleições municipais. Alternativa Galega de Esquerda apresentou-se em 2012 às eleições galegas assumindo as propostas da associação Véspera de Nada para preparar Galiza para o fim do petróleo desde o poder autonómico; uns meses antes, na constituição da nova força política Anova, o *peak oil* apareceu refletido nos seus princípios fundacionais graças à proposição de Miguel Anxo Abreira, outra das pessoas que na esquerda galega mais consciente é da gravidade da situação. E na Catalunha as CUP conseguírom em janeiro de 2013 que se aprovasse a unióm da cidade de Girona às Transition Towns<sup>15</sup>.

Além destas declarações e programas políticos que nom ainda nom dérom frutos concretos fora do papel, o que nom parece que esteja próximo é a profunda e necessária revisão de parâmetros identitários *sagrados* como os que debulhei neste artigo: a resituação da luta de classes e do papel da classe trabalhadora no contexto do colapso, a relativização do emprego (e do direito ao trabalho) como um simples instrumento para satisfazer as necessidades humanas, a necessária ré-agrarização de boa parte do proletariado, etc. E, sem dúvida, também falta ainda a pública abjuração dos mitos do crescimento e da tecnologia salvífica, do industrialismo, do produtivismo e da visom da economia como algo separado da biosfera, mistificações que nom som exclusivas senom que fam parte da suicida cultura comum desta civilização que morre. E tal como falta ainda à esquerda arriar um pouco a bandeira do proletariado, falta também hastear com a máxima força novas/velhas bandeiras que se tornam fulcrais para a luta no contexto de colapso capitalista-industrial: entre elas salientam a soberania energética e alimentar e a proteção do território, dos seus recursos e do direito a eles, nomeadamente o direito à terra. As vozes reclamando esta transformação começam a multiplicar-se à medida que progride o colapso, e nesse sentido ler textos como o recente “*Alternativas a la crisis. ¿Cómo afrontar la futura escasez de energía?*” de Joaquín Sempre implica um sopro de esperança. Também é muito relevante que algumas outras vozes da esquerda, nomeadamente as que fam parte dos chamados Foros Sociais, como Xosé Manuel Beiras ou Boaventura de Sousa Santos, comecem a falar, provavelmente graças à influência dos movimentos indígenas, polo menos dumha crise de civilização e dumha mudança necessária a nível

civilizacional. Mesmo assim, na minha opinião ainda lhes falta um bom trecho para acabarem de assumir as consequências e ritmos do processo histórico em que entramos, assim como a perspectiva nítida do colapso, além dos conceitos crise ou transição.

E também há que reconhecer à esquerda libertária, pelo menos no âmbito espanhol, uma posição algo mais avançada a respeito desta mudança necessária de paradigma, se calhar por se acoplar de um modo bem mais natural nos seus parâmetros identitários. Assim, não resulta surpreendente vermos alguns autores —o mais destacado seria Carlos Taibo— e textos que vinculam o Decrescimento com a autogestão, p.ex., organizações como CGT e CNT que fizeram uma aposta mais ou menos clara, no terreno teórico, no Decrescimento como uma das respostas mais coerentes no contexto de colapso em que estamos imersos. Mas além desta localização “tendencial” (em palavras de Taibo) das libertárias na linha do Decrescimento, também nestas esquerdas achamos em falta uma teorização mais extensa e profunda sobre estas questões e, sobretudo, muita mais prática.

Em qualquer caso ainda falta que a esquerda no seu conjunto compreenda e assuma que o jogo político mudou para sempre e que o seu objetivo já não pode ser conquistar para as massas um pedaço maior dumha riqueza social sempre crescente, nem tampouco se pode limitar a defender as conquistas sociais e os supostos direitos cuja realização material depende da abundância de energia fóssil. Agora o seu objetivo deveria mudar para ajudar a sociedade a auto-organizar-se e sobreviver ao colapso da estrutura social e económica que ficou possível o petróleo que esbanjamos como novos e néscios ricos. A via para o fazermos não pode ser outra que recuperarmos os valores originais da esquerda, e construir sobre eles estratégias adaptadas aos tempos de emergência que nos tocou viver; quer dizer, voltar a ser mais ideologia e menos religião, mais construção e menos dogma.

Esse papel histórico de tipo prático que toca cumprir à esquerda no seu conjunto seria o de construir e liderar os botes salva-vidas em que a sociedade pode abandonar o Titanic capitalista-consumista-industrial para começar a construir desde baixo alternativas autogeridas e mais diversas possíveis (a biodiversidade percebida também como estratégia para a resiliência política) que não só sejam uma saída tangível para os milhões de naufragos do sistema senão que deem corpo a uma revolução além do social, do político ou mesmo do energético. A revolução que precisamos com urgência deve ser antropológica ao nível das outras duas grandes revoluções na história humana: o surgimento da Agricultura no Neolítico e a Revolução Industrial.

Sem dúvida estamos a falar dumha mudança nas esquerdas muito difícil porque implica desprender-se de velhos discursos e linguagens, requer renegar de féis profundamente arraigadas, renunciar a conceitos esvaziados de significado pelo devir histórico e adotar outros que são alheios às tradições hegemónicas e eurocéntricas da esquerda, para adotar provavelmente bagagens semânticas dos povos originários não europeus e das culturas tradicionais labregas, como o *Suma Qamanha* (Bom Viver). Adotarmos essa linguagem facilitará moldarmos o novo paradigma mental com todas as suas dimensões ambientais, antropológicas, bioeconómicas, termodinâmicas... Mudar essa visão que tem atualmente a esquerda é imprescindível para ser quem de a transmitir à sociedade dominada e cada dia mais aterrada perante as mudanças sociais que não compreende. O mundo que representava o velho modelo mental já não existe mais, porque por baixo desse sistema de organização capitalista que pensava a esquerda que era a base de tudo, existe um modelo de civilização, o industrial, cuja base física começou a se esborralhar irremediavelmente. O habitual é vermos a ecologia ou a energia como umas áreas temáticas mais de ação política, um departamento ao mesmo nível (ou se calhar de inferior categoria) nos aparelhos organizativos, nos programas políticos dos partidos de esquerda, como se fosse possível desligar qualquer outra área da realidade política, social e económica daquilo que constitui a sua base e fundamento imprescindível. Acha assim a esquerda que o único que limita a liberdade humana é o sistema de dominação capitalista, sem reparar que, como explica Catton nas suas obras, a capacidade de ónus do planeta é o limite definitivo e ineludível. A esquerda deve aceitar o errado destas conceções para poder ajudar a sociedade a interpretar o que está a acontecer, antes que os desabastecimentos ponham a andar um caos em que já seja impraticável uma comunicação razoada e só fique lugar para o discurso do medo. É preciso mudarmos o relato como passo prévio a mudarmos o mundo. A nova civilização que suceder a industrial será necessariamente mais simples e modesta, mas na mão da esquerda está lutar para que seja uma civilização mais justa.

## Notas

- 1 Utilizo aqui, como exemplo, as palavras textuais de Alejandro Teitelbaum, num artigo publicado no nº 136 do bimensal Diagonal e que tomei como base para umha crítica que publicara em Rebellion.org em 2010 (<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=119266>) e que utilizo de novo no presente texto.
- 2 Joseph Tainter, *"The Collapse of Complex Societies"* (Cambridge University Press, 1988, republ. 2003).
- 3 *"Peak Oil - the clear and present danger"* <http://www.theoil Drum.com/node/8044>
- 4 *"O inevitable colapso do sistema financeiro (e o que nos fan pagar namentres)"* <http://vesperadenada.org/2011/06/23/o-inevitable-colapso-do-sistema-financeiro-e-o-que-nos-fan-pagar-namentres/>
- 5 Antonio Turiel: *"Vamos ter que decrecer por força. Esta crise nom acabará nunca"* <http://www.altermundo.org/antonio-turiel-imos-ter-que-decrecer-por-forza-esta-crise-non-rematara-nunca/>
- 6 Vid. p.ex. <http://www.guardian.co.uk/technology/2011/oct/25/thailand-floods-hard-drive-shortage> Para umha análise em profundidade da vulnerabilidade sistémica a que nos expom o brusco devalar energético, vid. o relatório *"Tipping Point. Near-Term Systemic Implications of a Peak in Global Oil Production"* de David Korowicz disponível em <http://www.theoil Drum.com/files/Tipping%20Point.pdf>
- 7 Citado na minha resposta em <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=123771>
- 8 Em *"Membros de Véspera de Nada respondem ao Ateneu Proletário Galego a conta do Decrecimento"* <http://vesperadenada.org/2011/08/23/membros-de-vespera-de-nada-contestan-ao-ateneu-proletario-galego-a-Conta-do-decrecemento/>
- 9 Robert Hirsch, *"Peaking of World Oil Production: Impacts, Mitigation, and Risk Management"* (US Department of Energy, 2005).
- 10 Sem esquecermos que a família dos presidentes Bush procede do negócio petrolero. O citado relatório Hirsch foi encarregado precisamente pola administração de George W. Bush.
- 11 *"Configuración y crisis del mito del trabajo"* <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-2.htm>
- 12 William Catton descreve este roubo geracional nas suas obras *"Overshoot: The Ecological Basis of Revolutionary Change"* (1980) e *"Bottleneck: Humanity's Impending Impasse"* (2009).
- 13 *Ted Trainer: «O objetivo nom é lutar contra a sociedade capitalista, mas construir a sua alternativa»* <http://vesperadenada.org/2012/01/04/ted-trainer-o-obxectivo-non-e-loitar-contra-a-sociedade-capitalista-senon-construir-a-sua-alternativa/>
- 14 Jimmy Carter, *"Energy Address to the Nation"*, 18/04/1977. <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=7369>
- 15 Na listagem nom figura o Partido da Terra apesar de também ter incorporado em 2012 as propostas de Véspera de Nada para preparar Galiza perante o *peak oil*, porque me limitei às formaçons autodenominadas *de esquerdas*. Tampouco é unha lista exhaustiva e podem faltar outros partidos de fora do âmbito galego que tenham começado a dar passos para a transformaçom de que falo.